

## FUNK, JUVENTUDE E CULTURA QUILOMBOLA EM HELVÉCIA: ENTRE A TRADIÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE PERTENCIMENTO

### FUNK, YOUTH, AND QUILOMBOLA CULTURE IN HELVÉCIA: BETWEEN TRADITION AND NEW FORMS OF BELONGING

### FUNK, JUVENTUD Y CULTURA QUILOMBOLA EN HELVÉCIA: ENTRE LA TRADICIÓN Y NUEVAS FORMAS DE PERTENENCIA

Maria José Almeida Santiago<sup>1</sup>

André Domingues dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa as relações entre juventude, funk e cultura quilombola na comunidade de Helvécia, no Extremo Sul da Bahia, a partir da experiência do grupo Os Brutos. Parte-se da compreensão de que as culturas tradicionais são dinâmicas, constituídas por permanências, transformações e ressignificações realizadas pelos próprios sujeitos. A pesquisa utilizou procedimentos etnográficos e bibliográficos, articulados à produção de um documentário como produto educacional. A etnografia envolveu participação em eventos, entrevistas com jovens e moradores mais velhos, registros fotográficos e audiovisuais e observação do espaço virtual utilizado pelo grupo. Os resultados evidenciam um movimento de continuidade e transformação da cultura quilombola. Embora alguns jovens não participem diretamente de práticas tradicionais, como a preparação do “Vô Véi” e a brincadeira de Mouros e Cristãos, mantêm vínculos com a comunidade e participam da puxada do mastro de São Sebastião, reconhecendo-a como prática de fé, pertencimento e proteção. Nesse contexto, o funk constitui uma forma de sociabilidade, expressão e pertencimento juvenil, sem representar necessariamente ruptura com a identidade quilombola. Conclui-se que a experiência dos Brutos contribui para superar visões folclorizadas da tradição e compreender a cultura quilombola como dinâmica, híbrida e continuamente reconstruída.

**Palavras-chave** Juventude. Funk. Cultura quilombola.

<sup>1</sup> Professora Mestra da rede Estadual de Educação da Bahia.

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela FFLCH-USP (2014) Professor Adjunto no Bacharelado Interdisciplinar em Artes no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) - Campus Paulo Freire (Teixeira de Freitas) desde 2014.

**ABSTRACT:** This article analyzes the relationships between youth, funk music, and quilombola culture in the community of Helvécia, in the far south of Bahia, based on the experience of the group Os Brutos. It is grounded in the understanding that traditional cultures are dynamic, shaped by elements of continuity, transformation, and re-signification enacted by the individuals themselves. The research employed ethnographic and bibliographic methods, integrated with the production of a documentary as an educational output. The ethnography involved attending events, interviewing young people and older residents, capturing photographic and audiovisual records, and observing the virtual space used by the group. The results reveal a process of both continuity and transformation within quilombola culture. Although some young people do not directly participate in traditional practices—such as the preparation of the Vô Vêi figure and the Mouros e Cristãos (Moors and Christians) performance—they maintain ties to the community and take part in the Puxada do Mastro (mast-hauling procession) for Saint Sebastian, recognizing it as an act of faith, belonging, and protection. In this context, funk serves as a form of sociability, expression, and youth belonging, without necessarily representing a break with quilombola identity. The study concludes that the experience of Os Brutos helps move beyond folklorized views of tradition and fosters an understanding of quilombola culture as dynamic, hybrid, and continuously reconstructed.

**Keywords:** Youth. Funk. Quilombola culture.

**RESUMEN:** Este artículo analiza las relaciones entre la juventud, la música funk y la cultura quilombola en la comunidad de Helvécia, en el extremo sur de Bahía, a partir de la experiencia del grupo Os Brutos. Se fundamenta en la premisa de que las culturas tradicionales son dinámicas y están moldeadas por elementos de continuidad, transformación y resignificación llevados a cabo por los propios individuos. La investigación empleó métodos etnográficos y bibliográficos, integrados con la producción de un documental como resultado educativo. El trabajo etnográfico incluyó la asistencia a eventos, entrevistas con jóvenes y residentes mayores, la obtención de registros fotográficos y audiovisuales, y la observación del espacio virtual utilizado por el grupo. Los resultados revelan un proceso tanto de continuidad como de transformación dentro de la cultura quilombola. Aunque algunos jóvenes no participan directamente en las prácticas tradicionales — como la preparación de la figura del Vô Vêi y la representación de Mouros e Cristãos (Moros y Cristianos)—, mantienen vínculos con la comunidad y participan en la Puxada do Mastro (procesión de arrastre del mástil) en honor a San Sebastián, reconociéndola como un acto de fe,

pertenencia y protección. En este contexto, el funk actúa como una forma de sociabilidad, expresión y pertenencia juvenil, sin representar necesariamente una ruptura con la identidad \*quilombola\*. El estudio concluye que la experiencia de Os Brutos contribuye a superar las visiones folclorizadas de la tradición y fomenta la comprensión de la cultura quilombola como algo dinámico, híbrido y en continua reconstrucción.

**Palabras clave:** Juventud. Funk. Cultura quilombola.

## INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas constituem espaços de produção e preservação de memórias, práticas culturais, manifestações religiosas e diferentes formas de sociabilidade. Entretanto, compreender essas comunidades apenas a partir de suas manifestações tradicionais pode contribuir para uma visão estática e folclorizada de suas culturas. Em Helvécia, comunidade quilombola situada no Extremo Sul da Bahia, a presença do funk entre os jovens evidencia a existência de novas formas de expressão cultural que dialogam com práticas e valores construídos historicamente pela comunidade.

O encontro entre o funk e a cultura quilombola provocou inicialmente um estranhamento, uma vez que o estilo musical urbano parecia, à primeira vista, distante das manifestações tradicionalmente associadas à comunidade, como o bate-barriga e a Festa de Mouros e Cristãos. Entretanto, a aproximação com os jovens do grupo Os Brutos possibilitou compreender que a cultura não se constitui somente pela reprodução de práticas consideradas tradicionais, mas também pela incorporação de novos elementos e pela capacidade dos sujeitos de ressignificarem suas experiências.

Nesse sentido, o grupo Os Brutos ocupa posição relevante para compreender as relações entre juventude, território, tradição e identidade. Criado em 2013, o grupo reúne jovens com vínculos familiares e afetivos com a comunidade de Helvécia. Suas atividades relacionadas ao funk, aos encontros, aos paredões e às redes sociais revelam novas formas de sociabilidade e expressão juvenil, como podemos verificar no trecho abaixo:

O nome surgiu em 2013, através de uma brincadeira do meu tio, que vivia nos chamando de bruto, mas somos irmãos desde a barriga de nossas mães. A maioria dos integrantes nasceu, cresceu e estudou um tempão juntos. Aqui, nessa comunidade, aprendemos a brincar, valorizar e lutar por aquilo que é nosso. Aí de tanto meu tio nos chamar de bruto, porque dizendo ele, a gente é um grupo valente e sistemático, que resolvi criar o grupo, Os Brutos.

Pensamos em um animal valente, aí veio o touro, e como a gente gosta do Chicago Bulls, deu certinho. Depois pensamos nas cores, aí veio o azul e vermelho, e aí foi formando nossa identidade. Primeiro, as coisas que fazíamos era postado no face, depois que criou o WhatsApp, criamos o grupo Irmandade dos Brutos e teve um tempo que tinha no Instagram Os Brutos também. Hoje é só no WhatsApp, pois é uma coisa só da gente (Hamilton, informação verbal, dezembro de 2021).

A pesquisa também parte da compreensão de território apresentada por Santos (1998), para quem é o uso do território, e não simplesmente sua existência física, que o transforma em objeto de análise social. Assim, pensar o território quilombola de Helvécia significa considerar as relações, memórias, práticas culturais e experiências que nele são produzidas.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o funk praticado pelo grupo Os Brutos dialoga com a cultura quilombola de Helvécia, considerando as relações entre tradição e transformação, juventude e pertencimento. Busca-se, ainda, compreender como os jovens se relacionam com manifestações tradicionais da comunidade, especialmente com a puxada do mastro e a Festa de Mouros e Cristãos.

A investigação resultou também na produção do documentário Os Brutos: funk e cultura quilombola em Helvécia, concebido como produto educacional destinado a contribuir para os estudos sobre cultura juvenil quilombola e periferias urbanas, podendo ser utilizado por educadores e gestores públicos do Extremo Sul da Bahia.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando como principais procedimentos a etnografia e a pesquisa bibliográfica. A escolha da etnografia esteve relacionada à possibilidade de conhecer de maneira mais aprofundada a vida social da comunidade e estabelecer uma relação dialógica com os sujeitos pesquisados.

Conforme Frehse (2011), a etnografia constitui uma maneira específica de conhecer a vida social, fundamentada na aproximação profunda do pesquisador com o outro. Dessa perspectiva, os integrantes do grupo Os Brutos não foram compreendidos como simples objetos da pesquisa, mas como protagonistas do processo de construção do conhecimento.

A pesquisa etnográfica envolveu a participação em bailes funks e paredões, com o objetivo de observar os subgêneros musicais presentes, os movimentos corporais, os instrumentos musicais e as formas de indumentária. Também foram realizadas entrevistas com

integrantes do grupo Os Brutos, buscando compreender sua origem, organização, objetivos e relações com a comunidade.

Outro procedimento consistiu na realização de entrevistas com moradores mais velhos, procurando identificar suas percepções sobre a presença do funk em uma comunidade quilombola e compreender as possíveis tensões entre manifestações tradicionais e novas expressões culturais.

A etnografia também foi ampliada para o espaço virtual, considerando que os jovens mantinham formas de comunicação e divulgação relacionadas ao grupo por meio das redes sociais. Nesse ambiente, foram observados o gênero musical apreciado pelos jovens, a divulgação dos paredões e os comentários produzidos pela comunidade e por pessoas externas ao território.

A pesquisa bibliográfica concentrou-se em estudos sobre Helvécia, suas manifestações culturais e formas de resistência. Foram considerados trabalhos de Carmo (2010), Santana (2014), Gomes (2005) e Santos (2017), além dos estudos de Nascimento (1980) e Reis (1996), relacionados às formas de resistência. Também foram utilizados os estudos de Canclini (1998), para refletir sobre culturas híbridas, e Pettit (2015), cuja discussão sobre corpo e dança afro-ancestral contribuiu para pensar a corporalidade presente no funk.

5

Como produto da investigação, foi desenvolvido o documentário Os Brutos: funk e cultura quilombola em Helvécia (<https://www.youtube.com/watch?v=CvNkmcA7TaY>). O audiovisual foi estruturado a partir de depoimentos, entrevistas e registros do cotidiano de nove integrantes do grupo e de quatro moradores mais velhos envolvidos com a preservação das tradições locais.

A produção audiovisual buscou valorizar o protagonismo dos participantes, considerando seus desejos quanto aos locais, cenários e situações em que seriam realizadas as gravações. As entrevistas foram realizadas em diferentes espaços, como locais de trabalho, ruas, bares e momentos festivos.

### 3 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa revelaram uma relação complexa entre juventude, tradição e novas formas de expressão cultural. A aproximação com os integrantes dos Brutos permitiu

perceber que a presença do funk em Helvécia não deve ser compreendida simplesmente como abandono das tradições locais.

O grupo Os Brutos foi criado em 2013 por Hamilton Deolindo Correia, a partir de uma brincadeira familiar que deu origem ao nome do grupo. A denominação passou a representar uma identidade coletiva construída a partir de relações de amizade, parentesco, convivência e pertencimento à comunidade.

O grupo possui 28 integrantes, sendo que apenas seis não possuem parentesco sanguíneo entre si. Todos concluíram o Ensino Médio e seis estavam vinculados a instituições públicas de ensino superior. Esses dados evidenciam a presença de trajetórias educacionais e profissionais diversificadas entre os integrantes.

A pesquisa também demonstrou que muitos dos jovens mantêm vínculos familiares profundos com pessoas que participaram da preservação das tradições locais. Alguns integrantes são filhos, netos ou sobrinhos de pessoas diretamente envolvidas com a Festa de Mouros e Cristãos, o bate-barriga e outras manifestações culturais.

Entre os moradores mais velhos entrevistados destacaram-se José Luiz Nascimento Maia, conhecido como Seu Zé Maia; Faustina Zacarias Carvalho, Dona Faustina; Maria Aparecida dos Santos, Tíndia; e Maria da Conceição, Dona Cocota. Essas pessoas desempenham papéis importantes na preservação da memória e das manifestações culturais da comunidade.

Seu Zé Maia participa há décadas da Festa de Mouros e Cristãos e atua como um dos principais organizadores de manifestações religiosas e culturais:

Festa de Cosme e Damião: início na sexta-feira à noite, na última semana de outubro, com samba de viola. Termina no sábado à noite, emendando com a festa de São Cipriano, Santo dos escravos, e aí finalizo tudo no domingo à noite com a procissão de São Jorge. E no mês de dezembro, organizo a Festa de Iemanjá, no município de Nova Viçosa. Nessa festa e nas outras também, o de comer e de beber é por minha conta. Aí, quando termina tudo, em Nova Viçosa, volto cedinho pra cá para puxar o mastro. Agora, pergunta pra mim se alguém me ajuda fazer essa festa? Nada, eu banco tudo. Aqui, enche, todo mundo dança, come e bebe, graças a Deus. Até político aparece aqui. Esse ano, com fé em Deus, farei a festa de Cosme e Damião e todas as outras. Agora, deixa esses políticos chegar aqui...Vou correr com todos! Temos história, tanta coisa bonita, e não temos ajuda (José Luiz Nascimento Maia, informação verbal, maio de 2022).

Dona Faustina, por sua vez, afirma ter levado o bate-barriga para Helvécia e atua na coordenação da dança. Em uma das entrevistas desabafou:

O povo vem de longe pra conhecer a história daqui, uns vêm só pra me conhecer. Saber da dança, das cantigas, mas a Associação Quilombola não ajuda, nem instrumento musical tenho. Tenho um tambor de mais de 15 anos (e pega o tambor para me mostrar), não tenho um salão para fazer o ensaio, quando preciso peço a academia de Regis. Roupas então, nem se fala, a que temos é de anos. Aqui tem muita coisa linda, tem história, mas não tem apoio (Faustina Zacarias, informação verbal, junho de 2022).

Dona Cocota é apresentada como uma importante guardiã das memórias da comunidade, nas palavras dela:

Minha fia, já dancei demais aqui no mês de junho, tinha uns baile bom. A gente pegava o pé de café, enfeitava na sala e dançava até o dia amanhecer. Eita como era bom (Maria da Conceição, informação verbal, 2021).

Tidinha participou ativamente da luta pela certificação de Helvécia como comunidade quilombola e afirmou:

Na época da luta, fomos criticados e ameaçados, tive que parar de estudar devido às ameaças. Meu filho chegava chorando em casa, devido o que o povo dizia. O povo daqui achava que essa luta era besteira, que se fôssemos quilombo, voltaria a escravidão. Mas conseguimos, e hoje sou presidente da Associação e já conseguimos muita coisa para a comunidade (Maria Aparecida dos Santos, informação verbal, junho de 2022).

A pesquisa revelou também dificuldades relacionadas à preservação das manifestações culturais. Os depoimentos apontam a falta de apoio, de instrumentos, de espaços adequados para ensaios, de roupas e de recursos para a realização das atividades culturais.

7

Outro resultado importante foi a observação da puxada do mastro de São Sebastião. A manifestação marca o início da Festa de Mouros e Cristãos e envolve diferentes etapas, como a retirada do mastro, a construção e queima do “Vô Véi”, a ornamentação do mastro com folhas, flores e ervas medicinais e o percurso realizado pela comunidade.

A Puxada do Mastro constitui um momento de forte participação coletiva. Durante o ritual, os participantes realizam orações, pedidos e agradecimentos, levando consigo ervas medicinais. A atividade termina diante da imagem de São Sebastião, quando os participantes reafirmam seus pedidos e agradecimentos.

Nesse contexto, foi identificada uma participação significativa dos jovens dos Brutos. Embora eles não estejam necessariamente envolvidos em todas as etapas de preparação das manifestações tradicionais, participam da puxada do mastro e atribuem a essa prática um significado relacionado à fé, à proteção e ao desejo de um bom ano.

Os resultados apontaram, portanto, para um duplo movimento: de um lado, a incorporação de elementos culturais contemporâneos, como o funk; de outro, a permanência de vínculos com práticas tradicionais consideradas importantes para a identidade e a fé da comunidade.

#### 4 DISCUSSÃO

Os dados produzidos pela pesquisa permitem discutir a cultura quilombola de Helvécia a partir da ideia de movimento e transformação. A presença do funk entre os jovens não significa necessariamente uma negação da tradição. Ao contrário, a experiência dos Brutos evidencia que sujeitos pertencentes a uma comunidade tradicional também produzem novas formas de expressão e sociabilidade.

Inicialmente, o encontro com o funk provocou um estranhamento, pois parecia existir uma incompatibilidade entre a música urbana e as manifestações tradicionais de Helvécia. Entretanto, a convivência com os jovens possibilitou questionar essa compreensão e perceber que a cultura não pode ser reduzida a manifestações cristalizadas no tempo.

Os Brutos contribuem para desconstruir uma visão estereotipada da comunidade quilombola ao incorporar elementos considerados externos às tradições locais. A prática do funk

8

tensiona as noções de identidade e território e demonstra que pertencer a uma comunidade não significa necessariamente reproduzir integralmente as práticas de gerações anteriores. A perspectiva de Canclini (1998) sobre culturas híbridas contribui para essa compreensão, uma vez que as culturas são constituídas por encontros, apropriações e ressignificações. Nesse sentido, o funk pode ser compreendido como parte de uma experiência cultural contemporânea da juventude de Helvécia.

A discussão sobre território também é fundamental. Conforme Santos (1998), o território não deve ser analisado somente como espaço físico, mas a partir dos usos e das relações sociais que nele se desenvolvem. Os jovens dos Brutos produzem novas formas de ocupação simbólica e cultural do território por meio da música, das festas, das redes sociais e das relações de amizade.

A pesquisa demonstra ainda que tradição e inovação não precisam ser compreendidas como categorias opostas. A participação dos jovens na puxada do mastro demonstra que a incorporação do funk não elimina necessariamente o vínculo com as práticas tradicionais.

O caso dos Brutos apresenta justamente essa combinação. Em determinado momento, os jovens realizam uma festa própria, marcada pelo funk, pela comida e pela bebida. Posteriormente, encerram a celebração e participam da puxada do mastro junto aos demais moradores. Essa experiência revela um movimento simultâneo de ruptura e continuidade.

A ruptura aparece na escolha por uma festa particular, organizada segundo referências culturais contemporâneas. A continuidade manifesta-se na participação coletiva na puxada do mastro e no reconhecimento de seu significado religioso e simbólico.

Esse movimento também questiona processos de folclorização da cultura quilombola. Quando uma comunidade é apresentada somente por suas práticas consideradas tradicionais, corre-se o risco de ignorar as experiências contemporâneas de seus moradores, especialmente dos jovens.

A pesquisa evidencia, portanto, que preservar uma cultura não significa impedir sua transformação. A permanência de uma identidade coletiva pode ocorrer justamente por meio da capacidade de incorporar novos elementos e atribuir novos significados às experiências culturais.

A produção do documentário também assume importância nesse processo, pois possibilita registrar diferentes vozes da comunidade. Ao colocar jovens e moradores mais velhos em diálogo, o audiovisual permite evidenciar diferentes perspectivas sobre tradição, identidade, território e pertencimento.

9

O documentário, nesse sentido, não busca apresentar uma comunidade homogênea, mas revelar a diversidade de experiências existentes em Helvécia. A presença da pesquisadora é reconhecida como parte do processo, ao mesmo tempo em que se procura valorizar as falas, os corpos, os cotidianos e os espaços escolhidos pelos próprios participantes.

A experiência demonstra que a cultura quilombola é constituída por memórias ancestrais, mas também pelas experiências presentes e pelas expectativas futuras. O funk, nesse cenário, pode ser entendido como uma das formas pelas quais a juventude participa da construção contínua da identidade da comunidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu compreender que a relação entre funk e cultura quilombola em Helvécia é marcada por tensões, aproximações, permanências e transformações. A presença do

grupo Os Brutos evidencia que a juventude produz novas formas de sociabilidade e expressão sem necessariamente romper com os vínculos familiares, territoriais e culturais que constituem a comunidade.

Os resultados demonstram que tradição e contemporaneidade coexistem no território quilombola. Os jovens podem participar de festas particulares ao som do funk e, ao mesmo tempo, reconhecer a importância de manifestações como a puxada do mastro de São Sebastião.

Nesse sentido, a cultura não deve ser compreendida como algo fixo ou imutável. As experiências dos Brutos mostram que as novas práticas culturais também podem integrar a história da comunidade e contribuir para a continuidade de sua identidade.

A pesquisa também revelou a importância dos mais velhos como guardiões da memória e das tradições, bem como a necessidade de ampliar o apoio às manifestações culturais de Helvécia. Os depoimentos apresentados apontam dificuldades relacionadas à falta de recursos, instrumentos, espaços e apoio institucional.

A aproximação entre diferentes gerações constitui, portanto, um caminho importante para a preservação da memória e para a construção de novas formas de pertencimento. O diálogo entre os jovens e os moradores mais velhos permite compreender que preservar não significa apenas repetir o passado, mas também criar condições para que as novas gerações possam participar ativamente da construção da cultura.

10

A produção do documentário Os Brutos: funk e cultura quilombola em Helvécia contribui para esse processo ao registrar diferentes vozes e experiências da comunidade. Como produto educacional, pode favorecer discussões sobre juventude, cultura quilombola, identidade, território, memória e resistência.

Conclui-se que o funk praticado pelos jovens de Helvécia não deve ser interpretado apenas como elemento externo ou incompatível com a tradição quilombola. Ele constitui uma expressão contemporânea de sujeitos que pertencem ao território e que, ao mesmo tempo em que ressignificam suas experiências culturais, mantêm vínculos com práticas, memórias e valores construídos pelas gerações anteriores.

Assim, a experiência dos Brutos evidencia que a identidade quilombola permanece viva justamente porque é capaz de se transformar, incorporar novos elementos e produzir diferentes formas de pertencimento. A cultura, nesse contexto, revela-se como um processo permanente de construção, no qual ancestralidade, juventude e contemporaneidade podem coexistir.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CARMO, Alane Fraga do. **Colonização e escravidão na Bahia: A Colônia Leopoldina (1850- 1888)**. Salvador 2010.

FREHSE, Fraya. *Estudos sobre etnografia e vida social*. 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1978.

GOMES, Flávio dos Santos. *Sonhando com a terra, construindo a cidadania*. In: **História da cidadania**, Jaime Pinsky, Carla Bassanezi, (orgs). 3. Ed. – São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral- contribuições do legado africano para a implementação da lei 10.639/03**. Fortaleza: EDUECE, 2015.

REIS, João José. *Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão*, **Revista Tempo**, Vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1996.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. *Estudos sobre Helvécia, seus cantos-poemas e manifestações culturais*. 2014.

SANTOS, Milton. *Estudos sobre território e uso do território*. 1998.

SANTOS, Valdir Nunes dos. **"A dança bate-barriga em Helvécia (Bahia/Brasil): uma performance afrobrasileira de coesão social"**. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, – Faculdade de Belas -Artes, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/95166530>. Acesso em: 17 novembro de 2020.